

# Os palimpsestos discursivos do desfile Moda e Literatura como vestígios na Avenida Paulista

## The discursive palimpsests of the parade: Fashion and Literature as vestiges in Paulista Avenue

**Cíntia SanMartin**

Doutora em Sociologia Política (UFSC), pós-doutora em Comunicação (ECO/UFRJ), professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (UERJ) e pesquisadora do grupo de pesquisa Comunicação, Arte e Cidade (CAC/UERJ).

**Jô Souza**

Mestre em Comunicação e Semiótica (PUC-SP), coordenadora e professora da Pós-Graduação em Comunicação e Cultura de Moda (Senac e Centro Universitário Belas Artes de São Paulo) e pesquisadora do Centro de Pesquisas Sociosemióticas (CPS)

### **Resumo**

A partir dos fundamentos teóricos e metodológicos da sociosemiótica, em conexão com a experiência estética e com o conceito de experiência sensível de Eric Landowski, o estudo estabelece relações entre o desfile Moda e Literatura e a espacialidade, a visualidade, a comunicabilidade da Avenida Paulista, que vai além de um local, para transformar-se num lugar, que foi assim reinventado e gerou uma rede de comunicação.

**Palavras-chave:** desfile de moda; corpo; comunicação; cidade.

### **Abstract**

*From theoretical basis and methodology of the sociosemiotic, in connection with the aesthetic experience and the concept of the sensitive experience of Eric Landowski, the study establishes the relationships among the parade "Fashion and the Literature" and the spatiality, the visuality, the communicability of Paulista Avenue, going besides a location to become a place, that was reinvent, which generated a net of communication of outburst of the event.*

**Keywords:** parade in fashion; body; communication; city.

## O OLHAR COMPROMETIDO

O presente trabalho articula-se em duas partes: a primeira apresenta a Avenida Paulista como espaço de sociabilidade e de construção de textos visuais; a segunda, o espaço da avenida a partir da ruptura da sua programação, quando uma nova configuração é instaurada na paisagem cotidiana, com o desfile Moda e Literatura,<sup>1</sup> que aconteceu no dia 6 de novembro de 2008. Seguindo um percurso que partiu da Rua Minas Gerais até o destino Conjunto Nacional, especificamente a Livraria Cultura na Avenida Paulista, o desfile ocupou a avenida, construindo um sentido que rompeu com a espacialidade<sup>2</sup> daquele espaço da cidade.

A reflexão sobre a dinâmica desta espacialidade e as configurações visuais instauradas nela a partir de um desfile de moda nos move às seguintes questões: em que medida um evento como este gera estranhamento, rompendo desta forma com a rotina instaurada no cotidiano da cidade? Quais são as estesias provocadas no plano sensorial que se organizam pelas consonâncias de sentidos na presença dos corpos em movimento? Quais são as interações inteligíveis e sensíveis presentes no desfile Moda e Literatura?

Tomamos como ponto de partida a afirmação de Greimas (2002) sobre a experiência estética. Para o autor, essa experiência é um evento extraordinário enquadrado na cotidianidade, provocando, assim, uma *fratura* no cotidiano modulado pelos regimes da manipulação e da programação. Contudo, ao assumir a estética apenas como fratura de um percurso gerativo do sentido, estar-se-ia longe de assumi-la como aquilo que convoca os sujeitos a um élan, um estar-junto, estar em comunhão por meio de correspondências vivenciadas pelos sentidos inteligíveis e sensíveis compartilhados. Sentidos não apenas racionalizáveis, mas sensoriais, afetivos e emocionais possibilitados pelas interações mundanas dinamizadas, não só pela manipulação e pela programação, mas também pelo *contágio* – por reação ou percepção –, que conduz as relações sociopolíticas culturais (LANDOWSKI, 2004).

É Eric Landowski (2001) – enraizado nos estudos semióticos e fenomenológicos – quem apresenta o conceito de *experiência sensível* como possibilidade de problematizar as análises semióticas centradas nos regimes programação X manipulação. Com esta problematização, o autor apresenta a diversidade dos regimes de presença e de interação nos quais se inscrevem nossas relações com o mundo e com os outros, regimes dos quais procede também a apreensão do sentido no fio da experiência de todos os dias, e mesmo sua dissolução na indiferença ou, ao contrário, sua ruptura no incoerente.

Landowski propõe uma forma de análise que se baseia na ideia de movimento, de mobilidade, a qual denomina de *regime de ajustamento*. Com uma análise ampliada, considerando não só os “regimes de sentidos” (originário dos estudos de Greimas), mas também os “regimes de interação”, convoca o pesquisador a refletir sobre os sentidos das experiências cotidianas presentificadas

nos estilos de vida, nos gostos, nos modos de ser sociais a partir “da captação do sentido” como dimensão provada de nosso ser no mundo e desejando manter um contato direto com o cotidiano, o social e o “vivido”, a partir de uma “semiótica da experiência”, a que denominou de “sociosemiótica” (LANDOWSKI, 2001, p. 35).

Por meio da visualidade, das qualidades plásticas (contando com os componentes eidético, cromático, topológico e rítmico) e estéticas dos espaços, dos lugares, das artes plásticas, das roupas, das fotografias – entendendo que na maior parte de nosso cotidiano vivemos dentro da esfera da funcionalidade, da programação –, buscam-se os sentidos daquilo que não se apresenta na superfície de imediato, mas que se dá a ver ao pesquisador cujo olhar está *comprometido*.

Como expôs Landowski (2001, p. 53), “trabalhar na elaboração de uma semiótica do cotidiano e do vivido (isto é, da experiência e das situações) é admitir, de antemão, um forte grau de envolvimento de nossa parte enquanto que analista em relação ao real”. No entanto, devido aos movimentos puramente reativos dos indivíduos, deve-se assumir “uma posição complexa onde sujeito e objeto se interpenetram”. Desse modo, é somente na e pela prática que se deverá e se poderá ajustar seu próprio regime de olhar à natureza do “objeto”. Um olhar rigoroso “que quer ser tão rigoroso quanto for possível, sabendo, entretanto, que a maior parte de nossos pretensos objetos só faz sentido quando sabemos reconhecer neles tantos outros sujeitos que, por sua vez, também nos olham”. Ou seja, um olhar que acompanha a dinâmica dos sentidos.

Propõe-se analisar as interações entre corpo, cidade e moda não só como um aparato programado e planejado, mas também como um espaço de comunicabilidades dinâmicas que se dobram e se desdobram infinitamente, construindo espaços comunicantes de cultura.

Assim, a competência do sujeito para sentir, a sua performance estética, é tanto da cidade com a sua própria estética quanto dos que nela atuam, processando-a em várias direções, o que torna essa prática intersomática. Portanto, é na experiência corpo a corpo dos sujeitos, que postulamos estar a possibilidade do advir do sentido das práticas de uso.

Com esses pressupostos explicativos, seguindo pistas da sociosemiótica, postula-se a possibilidade do deslocamento da compreensão social para além da funcionalidade e das fixações identitárias apriorísticas, sugerindo que as experiências interativas entre sujeitos (considerando aqui os objetos) originam relações semissimbólicas, ou seja, relações fluidas constituídas em situação que possibilitam um percurso de construção do sentido aberto, resultando num constante vir-a-ser, contrariando as posições tautológicas a respeito da conformação essencialmente simbólica.

As significâncias conformadoras das estéticas-relacionais (considerando-se o corpo, a cidade e suas interações) conduzirão nossa abordagem do sentido construído em ato. Essa escolha analítica deu-se a partir do entendimento de

que se o espaço, como definido por Greimas e Courtés, “[...] implica a participação de todos os sentidos e exige que sejam tomadas em consideração todas as qualidades sensíveis” (2008, p. 178), pode-se iniciar o fazer sociosemiótico a partir do plano expressivo que envolve a sensibilidade e a inteligibilidade no processo de enunciação dos locais e dos lugares.

### OS TEXTOS VISUAIS DA PAULISTA

A figura da *Passagem* de Walter Benjamin (2006) seria a principal metáfora da Avenida Paulista: fluxo temporal que faz dela o lugar de todos os lugares. Passagem de pessoas, corpos, mercadorias e do tempo. A avenida é o mosaico da representatividade da cidade de São Paulo, nas suas diferentes maneiras de se comunicar, quer seja por sua arquitetura, quer seja pelos seus transeuntes. Ela é um “arquétipo” de urbanidade em que circulam: uma multiplicidade de processos comunicacionais; uma explosão de imagens-mundo; uma profusão de imaginários, local de afetos e sentidos; movimentos; múltiplas partidas e chegadas. Desse modo, buscando compreendê-la, não se pode descartar três categorias para o estudo deste lugar: a espacialidade, a visualidade e a comunicabilidade (FERRARA, 2008, p. 49). Como fenômeno e experiência do mundo, essas categorias manifestam-se de modo distinto conforme a proporção, construção ou reprodução no espaço.

Desta forma, pode-se afirmar que a Avenida Paulista é um espaço fértil onde circulam diversas linguagens, onde se constroem múltiplas narrativas. Estas, por sua vez, produzem sentidos e numerosas intervenções de apropriação e ressignificação dos espaços praticados por variadas tribos:<sup>3</sup> grafiteiros, executivos, vendedores ambulantes, skatistas, ciclistas, os mais variados *outsiders* que utilizam a Paulista como lugar de encontro e de pertencimento.

Essas práticas comunicativas cotidianas são amalgamadas por movimentos arranjados pela vibração, criação e gestualidade corporais, representantes de um universo de não separação entre material e sensorial/sensitivo. Corpo é comunicação. Nesse sentido, seguindo os passos de Greiner, considera-se que “em latim as palavras *communitas*, *communio* e *communis* referem-se a um compartilhamento, uma troca e não apenas a um estar junto... A comunicação engloba, neste sentido, uma visão bem mais ampla do que aquela da comunicação de massa” (GREINER, 2005, p. 52-53). Em outras palavras, não se restringe aos meios de comunicação de massa. Assim, o corpo pode muito mais do que a racionalidade própria da linearidade discursiva de eventuais militâncias políticas ou corporativas, espaços que, embora tenham a força categorial de simbologias ideológicas e panfletárias, são de escassas vivências expressivo-comunicativas. Vivências estas que se expressam de diversas formas e diversos gozos corpóreos, que vão desde o uso de piercings, passando pelas tatuagens, até o *bodybuilding*, convocando-nos a olhar para o corpo como um “sintoma da cultura”, isto é, como um ancoradouro comunicacional expresso por criação e recriação dos corpos e dos espaços onde estes se instauram.

É importante grifar que essa criatividade está recheada: carrega em si o onírico, o sonho, o imaginário social. Os sonhos e desejos, antes armazenados na esfera privada da vida, passam a circular na esfera pública cotidiana, ao lado da economia e da política, ocupando espaço fundamental nas expressões dos valores e das emoções coletivas constituidoras da cidade. Esta é entendida como uma rede com possibilidades infinitas de gestos que formam interações comunicativas, as quais por sua vez, escrevem e reescrevem os textos visuais da cidade.

Esses palimpsestos<sup>4</sup> discursivos nos revelam através do plano de expressão alguns vestígios de uma dinâmica que une passado e presente nesse *lugar* cuja função primeira, que aparece no nível mais superficial da expressão, é ser o centro econômico e financeiro da cidade. Essa estrutura funcional instaura um véu sobre os possíveis modos de existir para além desse regime programador do cotidiano. Borra os sentidos sensíveis inscritos nas narrativas desse espaço.

Pensar pela lógica do lugar é refletir sobre um espaço ou *espaços afetivos* e de alteridade que se constroem, que tomam forma à medida que são vividos, experienciados, sensível e inteligivelmente, por uma prática de reconhecimento resultante de processos de construção identitária (LANDOWSKI, 2002). Seria aquilo que Milton Santos (1996) chamou de “espaços do acontecer solidário”, que definem usos e geram valores de múltiplas naturezas, como culturais, antropológicos, econômicos, sociais etc., nos quais se pressupõem coexistências culturais, mesmo que efêmeras.

Desse modo, podemos pensar a região da Avenida Paulista como um lugar, pois:

[...] A região pode ser considerada como um lugar, sempre que se verifique a regra da unidade, e da contiguidade do acontecer histórico. E os lugares – veja-se o exemplo das grandes cidades – também podem ser regiões, nas quais o tempo empirizado acede como condição de possibilidade e a entidade geográfica como condição de uma espacialização prática, que cria novos limites e solidariedades sem respeitar as anteriores. Os lugares se definem, pois, por sua densidade informacional e por sua densidade comunicacional cuja função os caracteriza e distingue. Essas qualidades se interpenetram mas não se confundem (SANTOS, 1996, p. 145).

## MODA E LITERATURA

A relação entre moda e literatura não é nova, muitos estilistas se apropriam do repertório literário como fonte de inspiração para suas coleções. Como ocorreu em 2005 no desfile de inverno de Ronaldo Fraga no São Paulo Fashion Week (SPFW), quando se inspirou no poeta Carlos Drummond de Andrade, ou no desfile em 2007, quando se inspirou no escritor Guimarães Rosa.

Do ponto de vista econômico, a indústria da moda se utiliza da previsibilidade para entender antecipadamente se, e quando, será iniciada certa tendência. No fundo, os mecanismos dos desfiles, das coleções e das tendências têm esse significado de marketing das atitudes culturais: uma tentativa de controlar o gosto. Na verdade, o mecanismo é muito mais complexo, pela

globalização de mercado, pelo acesso de novas classes ao consumo de luxo e, sobretudo, pela interação com os meios de comunicação, que apresentam novos modelos e informações (VOLLI, 2007).

A moda oferece um modelo comunicativo ou uma comunicação estética que se realiza no plano visual (GREIMAS, 2002). Para a difusão de ideais, gostos, atitudes coletivas, ela, a moda, tece uma rede calcada na necessidade de conformidade e de diferenciação e na comunicação visual.

Yuri Lotman, no livro *Cultura y Explosion* (1999), afirma que o mundo foi construído na dinâmica do não dinâmico. Uma realização deste processo seria a moda, que introduz o princípio dinâmico nas esferas do cotidiano de aparência não dinâmico. A moda é um termômetro do desenvolvimento cultural. No espaço cultural, se desenvolve uma dinâmica da luta constante entre a tendência à estabilidade até a imobilidade (hábito, tradição religiosa, considerações históricas) e uma orientação oposta para a novidade, para a extravagância. Tudo isto entra na representação da moda. Assim, ela é quase uma visível encarnação da novidade in-motivada. Permite interpretá-la quer seja como o domínio dos “caprichos” e das “extravagâncias”, quer seja na criatividade inovadora (LOTMAN, 1999, p. 114).

24

Os desfiles de moda são estratégias de marketing das marcas. Porém, a intenção do desfile Moda e Literatura não foi promover e motivar o consumo de nenhum produto de moda, mas causar impacto nos transeuntes da Avenida Paulista. Enquanto estes seguiam suas trajetórias cotidianas, podiam acompanhar o desfile (ver Figuras 1 e 2). Este era composto por 18 criações confeccionadas pelos alunos de um curso de moda da cidade de São Paulo e baseadas em obras literárias brasileiras, além de um autor internacional.

**Figuras 1 e 2** – Desfile Moda e Literatura



Fonte: Juliana Maran.

De cunho educativo, o desfile Moda e Literatura visou incentivar e despertar o interesse na leitura de livros da literatura. As obras selecionadas para a pesquisa do projeto foram: de Clarice Lispector, *A paixão segundo G. H.*, *Água viva*, *A mulher que matou os peixes* e *A hora da estrela*; de Ariano Suassuna, *O santo e a porca* e *O auto da compadecida*; de Nelson Rodrigues, *Bonitinha*, *mas ordinária*, *Álbum de família*, *Boca de ouro* e *Vestido de noiva*; de Aloísio de Azevedo, *O cortiço*; de Marcelo Rubens Paiva, *Feliz ano velho*; de Hilda Hilst, *A obscena Senhora D.*; de Roberto Drummond, *Hilda Furção*; de Machado de Assis, *Dom Casmurro*; de Guimarães Rosa, *A terceira margem do rio*; e de Oscar Wilde, *Salomé* e *O retrato de Dorian Gray*.

A performance não envolveu só o que aconteceu no palco, nas galerias ou nos ambientes artísticos, mas também os rituais diários e cotidianos que reinventam a cidade, já que a configuração da cidade é modificada não só quando se constrói um edifício ou uma praça, mas também pelas performances que acontecem no cotidiano (ROACH, 1996).

O desfile Moda e Literatura é uma performance que dá visibilidade através da experiência em ato: uma forma de manifestar e transmitir, além da materialidade, a ideia do projeto criativo. Sendo assim, Avenida Paulista vai além de um local, para transformar-se num lugar, que foi reinventado e gerou uma rede de informações.

25

**Figuras 3 e 4** – Desfile Moda e Literatura



Fonte: Juliana Maran.

Deste modo, os textos urbanos se entrelaçam com o texto das roupas que, por sua vez, foi produzido a partir dos textos literários, acontecendo o imperativo da visibilidade e do processo midiático, que se enuncia por meio da intertextualidade das criações apresentadas. Entende-se que os textos são narrativas complexas, nas quais uma série de enunciados de fazer e de ser (de

estado) organizam-se hierarquicamente. Uma narrativa complexa que se estrutura numa sequência canônica (FIORIN, 1989, p. 22).

Assim seguiu-se o desfile Moda e Literatura, em uma sequência no formato de fila indiana, aliada ao ritmo de um caminhar lento dos corpos dos modelos (ver Figura 3). Essa linearidade e lentidão do gesto de caminhar instaurou-se realizando contraponto ao fluxo caótico da rua em que os caminheiros dão-se em blocos desalinhados e de ritmo acelerado. À medida que o desfile adentrava na Avenida Paulista abria-se caminho para o compartilhar de diferentes ritmos: a chuva que caía, o caminhar lento e o caminhar acelerado. A horizontalidade dos corpos foi aos poucos rompendo com a verticalidade do desenho arquitetônico do espaço.

Apesar de parecer ser monótona, pela predominância de cores frias e pelo monocromatismo da tonalidade cinzenta dos prédios, que marcam a fisionomia da avenida, a Paulista é um *patchwork* de arranha-céus (especialmente no trecho em que aconteceu o desfile Moda e Literatura): pedaços de arquitetura que se juntam, costurando um “tecido” na diversidade. Jogos de linhas retas e curvilíneas, de alto e baixo, de cruzamentos volumétricos ao contrapor texturas e sobreposições, formando um caleidoscópio de formas que se entrelaçam na verticalidade da avenida.

26

O movimento dos transeuntes é bastante acelerado, sugerindo desordem e caos, mas na verdade se faz sempre na coerência dos fluxos comunicativos urbanos, ordenando o ir e vir da avenida. Ocupando o centro da calçada, utilizou-se como *passarela do desfile* a via reservada para os deficientes visuais. Esta é definida pelos pontos em relevo no trajeto, que podem ser percebidos sensorialmente por meio do tato na sola dos pés. Assim, percorrendo o fluxo contrário aos pedestres, o desfile pediu passagem em pleno horário de almoço, cortando a Paulista com uma “fila” de quase 50 metros de comprimento. A “fila” é usada aqui como metáfora da ordem linearmente estabelecida, já que no mundo urbano ela se manifesta quase como dominante: existe fila para tudo, principalmente para as coisas mais necessárias: em bancos, cinemas, restaurantes e para se obter atendimento nos serviços de saúde, assistência, previdência, comércio, transporte etc.

Nesse sentido, a ocupação do desfile na faixa reservada para os deficientes visuais (ver Figuras 3 e 4) foi intencional, visando assumir uma atitude contrária à própria ideia de “fila”: uma “antifila”. Ou seja, uma atitude de quem *desfila*. Aqui, o sufixo *des-* ocorre da mesma maneira como nas expressões *desaparece*, *desfigura*, *desorganiza*. Sendo assim, vemos que o desfile e seus componentes desempenham/assumem a postura de papel/posição de observador/personagem. O desfile Moda e Literatura instaura, por meio do estranhamento (ver Figura 2), uma situação que impõe aos transeuntes (e aos figurantes/personagens/observadores) uma postura de “estar à deriva” diante do inusitado. Como se uma cegueira momentânea ocorresse em função dessa súbita anulação das referências sociais e visuais cotidianas no ambiente. Daí a opção por ocupar a faixa para os deficientes visuais.



Os enunciados de estado podem ser identificados pelas relações entre o sujeito-desfile e os objetos estéticos: tecidos, silhueta, volumes, comprimento e texturas presentes na composição das roupas.

Outros enunciados de estado poderão ser identificados, por exemplo, nas conexões do desfile Moda e Literatura com o objeto/sujeito-Paulista, pois ao atrair os olhares e causar estranhamento, tanto pelo movimentar quanto pelo gestual quase sincronizado dos corpos em trepidação na via dos deficientes, permitem a produção de associações harmônicas na produção de sentido. Sendo assim, o enunciado de fazer será a transformação que o desfile Moda e Literatura operou na relação com os objetos/sujeitos durante o desfile.

### MODA, O SENTIR ESTÉTICO

Propõem-se, assim como Maffesoli (1987), pensar a estética como *ethos*, um modo de ser, como aquilo que aproxima e comunica as diferentes comunidades (*tribos*) dentro da globalidade, na qual a comunicação, seja por qual meio se dê, é a garantia do estar-junto mais ordinário, independentemente de contratos sociais racionais, em que os sujeitos em relação modificam e atualizam os seus estados de alma.

27

De acordo com Oliveira, “ao se perder no objeto ao qual se funde, o sujeito modifica seu estado anterior. Assim, a apreensão estética é efetivamente produção de sentido, ressemantização, que se constrói pela relação entre os estágios, o precedente e o subsequente à ocorrência” (OLIVEIRA, 1997, p. 230). Desse modo, o sujeito percorre e constrói sua narrativa (e identidade) de modo dinâmico e não linear.

Nesse sentido, podemos afirmar que o sentir estético-estésico provoca uma forma livre de comunicação sociocomunitária, em que várias expressões são utilizadas para estabelecer uma matéria-prima comunicativa.

A relação sensível, que se funda numa experiência sensível, estrutura-se numa condição afetiva, estésica. Configurando uma enunciação sensível ancorada numa comunicação sem racionalização primeira do ato, mas, sim, sensível à presença, gestos e modos dos outros sujeitos relacionais. Comunicação estabelecida nas sociedades pós-modernas através de um estilo, de uma imagem, de um símbolo, de um som, de uma dança, de uma tela, da moda, ou seja, daquilo que permite e provoca o “estar-junto antropológico”. Comunicação ancorada na sensibilidade do ser no mundo; uma comunicação de ordem estética em que o corpo assume lugar de excelência ao ser pensado como um atualizador dos sentidos sociais. Ao encarnar os sentidos e as subjetividades, permitindo serem desvelados pelo jogo dos gestos e da moda. Pela plástica sincrética entre corpo, roupa e espaço citadino.

## DESDOBRAMENTOS CONCLUSIVOS

A análise sobre a interação entre a Avenida Paulista e o desfile Moda e Literatura aponta para a compreensão desse espaço como espaço comunicativo, apropriado, praticado e vivido. Como um espaço comunicador da cultura onde se vive numa relação não de dualidade, mas de *ajustamentos dinâmicos* entre os diversos modos de ser e de estar, de praticar, de possuir, de ocupar, de utilizar etc.

Ora os sujeitos dispõem-se e interagem com o espaço como lugar de trabalho, ora como de entretenimento; ora como espaço privado, ora como espaço público; ora como lugar de produção de cultura, ora como espaço de consumo de cultura; ora o corpo atua como programado para ocupar, ora se distende pelo espaço; ora a verticalidade se impõe, ora a horizontalidade assume força, imperando sobre as formas de estar e ser no lugar; ora como espaço de ritmo frenético, ora como do ritmo lento, vagaroso, sentido.

É essa dinâmica, nesse movimento constante cotidiano que se pode compreender esse espaço como enunciação das três dimensões da cultura apresentadas por Greimas em *Da imperfeição* (2002). São elas: *funcional, mítica e estética*.

A *dimensão funcional* é aquela na qual realizamos os “programas” cotidianos, onde se dão as relações com base nos valores racionais, ordenadas e coordenadas por regras claras, socialmente pré-estabelecidas pelos sujeitos e instituições (públicas ou privadas) que as criam e as preservam; seriam os espaços programados para serem Escola, Praça, Banco, Museu, Galerias, Shoppings, Rua de Comércio, Parques etc., cuja função é destinada à realização de determinadas práticas sociais.

A *dimensão mítica* é aquela em que o ritual aparece como modo de perpetuação de valores e sentidos sociais, sempre cíclico, retorno cotidiano para regressar aos valores fundantes de determinado grupo social, de um certo estilo (espécie de língua comum). Seriam os espaços ritualísticos, aqueles adotados por uma *tribo*, por um grupo, ou grupos, como referência aos sentidos originais, aos valores primários. Estes são os espaços que se transformaram em lugares, como *reatualizadores* do mito fundador, do “eterno retorno”, do cíclico, em que se reiteram as constantes antropológicas.

Por fim, a *dimensão estética*, que deve ser entendida como o espaço comunicante das diferentes estéticas. Estética entendida como *ethos*, como um modo de partilhar as emoções e os sentimentos vividos em comum. E, assim, seguindo os passos de Landowski, entende-se que a estética não está desvinculada da ética e que, juntas, fundam o estilo, essa língua comum partilhada não devido a uma “superestrutura” determinada por uma “infraestrutura”, mas por uma *proxemia*.

O desfile Moda e Literatura reatualizou essas enunciações culturais nas quais os sujeitos (corpos literários e arquitetura da cidade) atuaram e interatuam com a estética/ética do lugar, transformando essa prática intersomática. Portanto, voltamos a afirmar que é na experiência corpo a corpo dos sujeitos que se acredita estar a possibilidade do advir do sentido das práticas de uso dos espaços citadinos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABENJAMIN, Walter. *Passagens*. Trad. de Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.
- FERRARA, Lucrécia D'Aléssio. *Comunicação, espaço e cultura*. São Paulo: Annablume, 2008.
- FIORIN, José. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto: EdUSP, 1989.
- GREIMAS, A.-J. *Da imperfeição*. Trad. de Ana Claudia Mei Alves de Oliveira. São Paulo: Hacker, 2002.
- \_\_\_\_\_; COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. Trad. de Alceu Dias Lima et al. São Paulo: Contexto, 2008.
- GREINER, C. *O corpo: pistas para estudos indisciplinados*. São Paulo: Annablume, 2005.
- LANDOWSKI, E. *O olhar comprometido*. Galáxia, São Paulo: PUC, n. 2, p. 19-56, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Presenças do outro*. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- \_\_\_\_\_. Faire Signe, Faire Sens, regimes de signification du corps. In: \_\_\_\_\_. *Passions sans nom*. Paris: PUF, 2004.
- LOTMAN, Yuri M. *Cultura y Explosion*. Trad. de Delfina Muschietti. Barcelona: Gedisa, 1999.
- MAFFESOLI, M. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- OLIVEIRA, A. C. de. A estesia como condição do Estésico. In: \_\_\_\_\_. LANDOSWKI, E. (Orgs.). *Do inteligível ao sensível: em torno da obra de Algirdas Greimas*. São Paulo: Educ, 1997.
- ROACH, Joseph. *Cities of Dead Circum-Atlantic Performance*. New York: Columbia University Press, 1996.
- RUIZ, Elisa. *Manual de codicologia*. Madri: Fundacion German Sanchez Ruiperez, 1988.
- SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- VOLLI, Ugo. *Manual de Semiótica*. São Paulo: Loyola, 2007.

## NOTAS

- 1 O desfile Moda e Literatura se originou em 2008, no âmbito da disciplina Pesquisa, Criação e Estilo I, sob orientação da professora Jô Souza com alunos de terceiro e quarto semestres do curso de graduação de moda das Faculdades Metropolitanas Unidas (UniFMU-SP). Após essa experiência, a Livraria Cultura de São Paulo convidou-os para realizar os desfile nos dois anos seguintes. Em 2011,

o desfile aconteceu no metrô de São Paulo .Disponível: <<http://www.youtube.com/watch?v=PmZHlr70Q8c>>, do blog Visibilidade(s) na Moda <[visibilidadenamoda.blogspot.com](http://visibilidadenamoda.blogspot.com)>.

- 2 Conforme Ferrara (2008), essa categoria manifesta-se de modo distinto conforme a proporção do espaço que se modifica na relação com os usos e os modos de ocupação dele.
- 3 No campo das ciências sociais, o fenômeno das tribos tem sido mencionado por vários autores; no entanto, Michel Maffesoli (1987) é quem mais se destaca, pela importância dada em sua análise da sociedade contemporânea ao estudo das tribos urbanas. O autor propõe que o “tribalismo” ou o “neotribalismo” seja tomado como um novo paradigma, que vem substituir o do individualismo na compreensão da sociedade contemporânea. Maffesoli afirma que a humanidade vive um “período empático”, em que predomina a indiferenciação e o perder-se em um “sujeito coletivo”, chamado por ele de “tribalismo” ou “neotribalismo”, para diferenciar das sociedades arcaicas. O tribalismo é presidido pelas noções de comunidade emocional, de potência e de socialidade; é seguido pelas noções de policulturismo e proximidade, que são suas consequências. Desse modo, define-o como uma “comunidade emocional”, em oposição ao modelo de organização racional, típico da sociedade moderna e dividido em classes sociais.
- 4 Segundo Elisa Ruiz (1988), o palimpsesto (codex rescriptus) é um suporte material de um texto que recebeu a escrita por mais do que uma vez. Se bem que houvesse este hábito de reaproveitamento do suporte já na Antiguidade (o palimpsesto começou por ser um papiro corrigido), foi, sobretudo na Idade Média, nos séculos de VII a IX, com a escassez e o custo elevado do pergaminho, que se passou a raspar as letras já escritas na pele e não mais desejadas, ou a eliminar toda a tinta por meio de um complexo método de lavagem, que envolvia leite, esponja, farinha ou cal e pedra-pomes.